

existe nêle de floração, nasce de um solo cuja fertilidade se chama: consciência e conseqüência. As vozes que nêle vão travar um diálogo, às vêzes contumaz, sempre forte como o cristal, tentam ecos para muito além das distâncias e dos horários.

Elas chamam à Terra: Mãe! Chamam a Miriam, espôsa de José, carpinteiro nazareno: Mãe! Gritam: Mãe! a tôdas as mulheres do mundo. E êsse grito é triunfo, pois mil vozes respondem: Meu filho!

De modo que o desafio de Anna Jarvis está feito.

Em cada página dêste livro, estão os pensamentos que, desesperadamente, ela procurou na casa vazia da Rua 12 Norte.

Por isso, hoje, eu me volto para a presença-ausente de Anna Jarvis e suavemente lhe digo: Este livro é teu! Toma-o! É a bíblia de tua campanha, o manifesto de teu movimento. Jamais homem algum poderá mercadejar com quanto vai aqui. A tua causa, pois, não está perdida!"

Depois de tantos e tantos anos, ela sorri, — a audaz mulher de Filadélfia, — e, comendo de luar um cravo-branco, atira-m' o. Em sua trajetória de arco-iris, êle atravessa esta página. E, leitora, eis que cai em teu regaço.

Tu foste, és, ou serás mãe. Em ti, — aurora desagrilhada, — estão o Poder, o Reino e a Glória.

Anna Jarvis dá-te o seu cravo-branco, dá-te o seu Dia das Mães. Lê êste livro e faze dêsse cravo, dêsse Dia, aquilo que te parecer melhor.

Wallace Leal V. Rodrigues.

Araraquara, primavera de 1.971.

Oferta de amor

Mãezinha.

Enquanto o mundo te adorna a presença com lendas sublimes, abrihantando-te o nome, quis trazer-te a homenagem de meu reconhecimento e de meu carinho, segundo as dimensões de tua bondade, e te rememorei os sacrifícios...

Revi, Mãezinha, as tuas noites longas, junto de mim, quando a febre me atormentava no berço. Anjo transformado em mulher, erguias as mãos para o Céu e o que falavas com Deus me caía no rosto em forma de lágrimas!... Tornei a encontrar-te os braços acolhedores, festejando-me o retôrno à saúde, com a doçura de teus beijos.

E, vida em fora, o pensamento recuou para lembrar-te...

Com a retina da memória, contemplei-te os lábios pacientes, ensinando-me a pronunciar as preces da infância; e, nesses lábios inesquecíveis, fitei os sorrisos de júbilo, quando me deste os primeiros livros da escola.

Depois, acompanhei-te, passo a passo, o calvário de renúncia em que me levantaste para a vida.

Quantas vêzes me abraçaste, trocando bênçãos por aflições, não conseguiria contar... Quantas vê-

zes te ocultaste no sofrimento para que a alegria não me fugisse, realmente, não sei...

Passou o tempo e, hoje, de alma enternecida, anseio de balde surpreender as palavras com que algo te venha a dizer de meu agradecimento; entretanto, eu que desejaria medir o meu preito de afeto pelo tamanho de teu devotamento, posso apenas calcular a extensão de meu débito para contigo, a repetir que te amo e que em ti possuo o meu tesouro do Céu.

Perdoa, Mãezinha, se nada tenho para dedicarte, senão as pérolas do meu pranto de gratidão, iluminadas pelas orações que endereço a Deus por tua felicidade. E, se te posso entregar algo mais, deixa que te oferte o meu próprio coração, neste livro de ternura, por dádiva singela de minha confiança e carinho, num ramalhete de amor.

Meimei

Uberaba, 1 de março de 1.971

Prefácios espirituais

*A mulher deve ser como a palha miúda
com que se encaixotam porcelanas,
palha que não conta,
palha que mal se vê,
palha de que ninguém se apercebe
e sem a qual se quebraria tudo!*

Mme. de Stael.